

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
PEDRO NEVES GONÇALVES FRANCO DE  
CARVALHO

# **TUDO QUE VOCÊ PODIA SER**

**O POTENCIAL CRIADOR DESPERDIÇADO  
PELA ESCOLA**

**Brasília – DF**

**2011**

**PEDRO NEVES GONÇALVES FRANCO DE  
CARVALHO**

# **TUDO QUE VOCÊ PODIA SER**

Monografia apresentada junto ao Curso de  
Pedagogia da Universidade de Brasília – UnB,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciado.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Lima Martins Pederiva

**Brasília – DF**

**2011**

**PEDRO NEVES GONÇALVES FRANCO DE  
CARVALHO**

## **TUDO QUE VOCÊ PODIA SER**

Monografia apresentada junto ao Curso de  
Pedagogia da Universidade de Brasília – UnB,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Licenciado.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Lima Martins Pederiva

### **COMISSÃO EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Lima Martins Pederiva  
Universidade de Brasília

Prof<sup>a</sup>. Me. Anelice Batista  
Universidade de Brasília

Prof<sup>a</sup>. Me. Ingrid Lilian Fuhr Raad  
Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella  
Universidade de Brasília  
(suplente)

**Brasília, 15 de Julho de 2011.**

**Às Bettys**

## AGRADECIMENTOS

À minha família, que fundamentaram os alicerces que me sustentam e guiam. As orações de vocês foram o que me deram força pra prosseguir e ter fé sempre. Obrigado pela liberdade de poder seguir meu próprio caminho. No fim, o amor vence todas as coisas! *You're the reason why the opera is in me.*

Ao Fernando, Vinícius, e toda família Bandeira de Mello, por abrirem a porta de sua casa para um estranho e me fazerem sentir em família.

À Giulia. Sua amizade e ajuda foram fundamentais na minha caminhada.

Aos queridos amigos de Brasília: Bruno, Evellyn, Fernanda, Fred, Gabi, Ivy, Iza, Ju, Lahiri, Lucas, Marcela, Marcos, Rafa, Ricardo, Ruy, Thalita, Thiago e tantos outros que me ajudaram. Guardarei a amizade de vocês pra sempre.

Aos colegas da INT e IPC, com os quais aprendi muito além do trabalho.

Ao Alício, pela amizade e jazz.

À Cláudia, por tanto carinho e apoio que tanto bem me fizeram.

Ao Fabrício, pela amizade e companheirismo na faculdade e fora dela.

À Nani e toda família, a primeira porta que se abriu pra mim em Brasília.

Aos amigos que estão longe, mas que sempre levei no coração e que também me deram tanto apoio: Aline, Ana Paula, Denize, Dri, Gi, Gustavo, Raissa, Regis, e tantos outros.

À família Camargo dos Santos, pela amizade e apoio em tantos momentos.

A toda turma do Maternal 1B da Casa de Ismael, incluindo as tias Leo e Mari. Vocês me ensinaram muito e me fizeram tão bem, nunca vou esquecê-los. Espero que cresçam com saúde e sabedoria.

Às queridas professoras Anelice, Patrícia, e Sônia, pelos ensinamentos, apoio, inspiração e paciência.

Ao Art, Asa, Billie, Billy, Bono, Brooke, Chet, Chico, Corinne, Dave, Djavan, Elton, Frank, Herbert, James, Jon, Lauryn, Leigh, Martin, Milton, Norah, Paul, Samuel, Tom, Vinicius, Zé, e tantos outros, por cada nota, timbre, melodia...

À Davi, João, Lucas, Moisés, Paulo, Pedro, Salomão, Tiago e muitos outros, pela companhia em dias difíceis.

E Àquele que me chama pelo nome. Meu Salvador, meu Mestre, meu melhor Amigo, Jesus. *What would I have become?*

## **Tudo Que Você Podia Ser**

**Composição: Márcio Borges / Lô Borges**

Com sol e chuva, você sonhava  
Que ia ser melhor depois  
Você queria ser o grande herói das estradas  
Tudo que você queria ser

Sei um segredo, você tem medo  
Só pensa agora em voltar  
Não fala mais na bota e do anel de Zapata  
Tudo que você devia ser, sem medo

E não se lembra mais de mim  
Você não quis deixar que eu falasse de tudo  
Tudo que você podia ser, na estrada

Ah! Sol e chuva, na sua estrada  
Mas não importa, não faz mal  
Você ainda pensa e é melhor do que nada  
Tudo que você consegue ser, ou nada

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo defender a ideia de que a escola, nos seus moldes atuais, tem abortado o potencial criador dos alunos. Primeiramente será apresentada a importância da criação na formação humana. Para corroborar com tal ideia, diversos autores serão citados, dentre eles – e com especial enfoque – , Vigotski. Em seguida, um levantamento histórico da escola é feito, com o intuito de demonstrar em quais bases está alicerçada o atual sistema educacional vigente em praticamente todo o mundo. O autor deste trabalho tem especial interesse pelo tema apresentado por sentir-se de certa maneira bastante prejudicado pelas ações negativas da escola, uma vez que esta não deu a ele espaço para explorar todo o seu potencial criador. Para ilustrar tal contexto, um breve memorial escolar será apresentado no início do trabalho. Pretende-se acrescentar a uma discussão, não necessariamente recente, mas que volta a tona com especial força, sobre a importância da escola constantemente rever suas práticas e intenções, buscando renovar-se. Isso devido ao fato de que a atual conjuntura do cenário mundial requer uma nova postura frente aos desafios que se levantam e a escola precisa estar pronta para educar pessoas que possam viver de maneira integral o potencial que têm dentro de si.

Palavras chaves: Criação, Educação, Imaginação, Paixão, Sociedade.

## **ABSTRACT**

The following study has as main goal to support the idea that school, in its current shape, has been killing students' creativity. First the importance of the creative process in human development will be presented. To support this, ideas of several authors will be explored, with special attention to Vygotsky. Next, a historical background of school, as an institution, will show foundation of the current educational system throughout the world. What motivated this discussion is the fact that the author feels that he has, in certain ways, been injured by the negative aspects of school, for it nothing being able to successfully leave space for him to express his creativity. To illustrate this, a brief memorial of his experiences in school will be presented at the beginning. The study wishes to add to a, not necessarily new but more than ever modern, discussion on importance of the school constantly reviewing its practices and intentions, aiming to renew itself. This do to the fact that we live in a world that requires from us a new posture in face of the new challenges that rise and school has to be able to education people that will be ready to be all they can be.

Key words: Creativity, Education, Imagination, Passion, Society.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
MEMORIAL ESCOLAR.....	10
O POTENCIAL CRIADOR.....	16
A ESCOLA .....	19
A Gênese.....	19
Tendências Pedagógicas .....	22
ERRAR FAZ PARTE .....	26
UMA EDUCAÇÃO DIFERENTE.....	30
CONCLUSÕES .....	33
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS .....	42
Paper Dolls.....	42
Betty .....	43

## INTRODUÇÃO

No presente trabalho a questão que se pretende investigar é como a escola vem abortando o processo criador em seus alunos.

Tem-se como objetivo, portanto, investigar o que é potencial criador e apontar os efeitos negativos do sistema educativo vigente.

Primeiramente será apresentado o fator gerador do tema, com um memorial da trajetória escolar do autor.

Posteriormente será mostrado o potencial criador existente no ser humano.

Logo após, um levantamento histórico mostrará como o atual modelo de escola foi embasado.

Finalmente, o trabalho concluirá que a escola, nos seus moldes atuais, vem abortando a criação dos seus alunos e como essa prática é maléfica e não prepara os alunos para os desafios que surgem no mundo atual. Propõe-se, então, que a escola mude a maneira de ensinar e transmitir o conhecimento. Caso contrário, caso a escola não reveja completamente os paradigmas que fundamentam sua existência e revolucione suas práticas em sala de aula, esta está inevitavelmente fadada à extinção.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica exploratória, recuperando o conhecimento científico acumulado sobre o assunto e proporcionando ao leitor uma maior familiaridade com o problema em questão. A forma de abordagem é qualitativa e descritiva, portanto os fatos apresentados são analisados indutivamente e a discussão não se esgota apenas nas ideias aqui apresentadas.

## MEMORIAL ESCOLAR

Minha trajetória escolar não foi das mais tumultuadas. Sempre fui um bom aluno, polido, cortês e não tumultuava a sala de aula ou corredores da escola. Também nunca tive muita disciplina para estudar, a ideia de estar preso a uma cadeira por longas horas nunca foi algo atrativo. Procurava prestar o máximo de atenção possível nas aulas e, portanto, saía razoavelmente bem nas provas. Apesar de muito comunicativo, nunca fui dos mais extrovertidos, assim preferia esperar o fim da aula pra conversar em particular com o professor a respeito de alguma dúvida. No geral, tive momentos bons na escola e os guardo na memória com carinho. No entanto, ao fazer uma análise um pouco mais profunda sobre essa trajetória, aos poucos fui percebendo como minha postura com relação à escola foi mudando. E uma exemplificação clara disso é o local onde sentava em sala de aula, nas diferentes séries.

Até onde minha memória alcança, por volta da 5ª série, lembro que sempre sentei nas primeiras carteiras da sala. Isso porque tinha interesse em aprender, sem distrativos. Lembro que era bastante questionador e participativo. No entanto, conforme os anos foram se passando, fui cada vez mais se afastando da frente da sala, me isolando, participando menos, mais desinteressado pelo o que os professores tinham a dizer. Até o fim do ensino fundamental (8ª série), lembro-me de já estar sentado em uma carteira no meio da sala, e procurando agora sentar nas fileiras perto das paredes laterais. No ensino médio o estrago estava feito: virei aluno do “fundão”. Sentava-se agora na última carteira, na fileira do canto da parede. Não estava ali porque era um rebelde. Não usava roupas pretas e ouvia *heavy metal* (rótulo negativo e falso sobre alunos que sentam no fundo das salas de aula). A verdade é que até hoje não sei ao certo o porquê dessa transição. No entanto, passei a especular algumas causas que julgo ser bem pertinentes.

Eu estava desinteressado. Pela escola, pelas disciplinas, pelas matérias, pelas falas dos professores, os discursos, as regras, os horários impostos, as obrigações. Até o momento em que a escola era um espaço de interação social, onde aprendi questões que sanavam dúvidas cotidianas, ela, a escola, teve minha atenção com afinco. A partir do momento em que o espaço da sala

de aula virou um ambiente com obrigações rígidas, onde tinha que aprender matérias X, Y e Z, porque tais matérias eram as que cairiam no tão temido vestibular, onde não podia perder tempo com questionamentos que não fossem ser cobrados no exame, onde não havia permissão para conversar com o colega ao lado, afinal de contas eu e meus colegas estávamos todos em uma corrida para as primeiras posições das melhores universidades do país, todo o sentido da escola pra mim, caiu por terra.

Eu não estava preocupado com o vestibular. Não me interessava saber as características do sistema excretor dos répteis, nem tão pouco as propriedades termodinâmicas do cobre, ou muito menos como conjugar o verbo “perscrutar” no futuro do presente do indicativo. Eu queria saber qual a magia que havia por trás de uma boa música, que tinha o poder de me deixar animado e pensativo. Tinha interesse em saber o porquê de tantas notícias de tragédias no noticiário da televisão. Frequentemente me via perguntando como era possível que um simples olhar da garota mais bonita do colégio era capaz de fazer meu coração bater tão mais rápido. E as respostas para essas e tantas outras questões, eu não encontrava nas explicações de nenhum professor, ou nas páginas dos livros e apostilas.

Não se tratava de afinidade por uma área do conhecimento ou outra. O fato era simplesmente que a escola não tinha as respostas para meus questionamentos. E o pior: não encontrava nela, espaço para expressar minhas dúvidas. Se o professor percebesse que durante sua fala, eu estava olhando pela janela, era constrangido a voltar sua atenção para o quadro. Se em outro momento estava cabisbaixo, rabiscando algum desenho na contracapa da apostila, outra bronca. Não podia conversar, olhar para os lados, sentir sono, sentir-se desanimado... não! Precisava ser sempre um aluno feliz, contente com todas as bobagens que a escola achava por bem enfiar “goela abaixo”.

Não se trata de ser contra a disciplina, o metodismo, as regras. Mas nunca entendi bem porque que no ambiente onde foi obrigado a passar a maior parte do meu tempo, durante a grande maioria dos dias, não podia ser eu mesmo.

Ao entrar na faculdade, a esperança era de que as coisas seriam diferentes, que agora eu seria tratado como um adulto, um indivíduo! Mas para

minha grande frustração logo percebi que o ambiente acadêmico estava regido por regras muito similares às das escolas que frequentei. O ambiente da sala de aula era o mesmo, a necessidade de cumprir horários, presenças, manter o silêncio, tudo igual. Mais uma vez então, me vi sem muita escolha, a não ser a de buscar fora das paredes e muros da universidade, respostas para as dúvidas que afligiam minha mente e alma.

Hoje, no meu último semestre de faculdade, olho pra trás, para toda minha trajetória acadêmica, e com certo espanto concluo que a grande maioria dos aprendizados que tive, não aconteceu dentro da sala de aula. A verdade é que todo o processo de frequentar as aulas, confirmar presença, respeitar os horários, não passou de mero protocolo. Eu tive sim, alguns momentos fantásticos em algumas disciplinas, mas foram em raras ocasiões. Aprende-se muito com as leituras dos clássicos. A teoria sempre tem seu lugar. Mas a vivência, o convívio, os relacionamentos, falaram muito mais alto na minha passagem pela universidade, e me marcou de maneira muito mais profunda.

Quantas vezes a letra de uma música que transcrevi no caderno fez muito mais sentido pra mim, do que a explicação do professor. Quantas vezes uma longa conversa com alguns bons colegas e amigos pelos corredores, bancos e praças da faculdade, me ensinaram muito mais que qualquer eloquência ou oratória. Não se tratava de um desrespeito pelas figuras de autoridade, de forma alguma, mas sim de ter uma ou várias preocupações em mente, tais como quando iria conseguir finalmente ter um bom emprego, ou então como pagaria a conta do cartão de crédito do mês seguinte, ou até mesmo como faria pra voltar pra casa quando a aula terminasse.

Considero-me privilegiado nesses anos de ensino superior, por ter tido a oportunidade de vivenciar tantas experiências, de conhecer tantas pessoas, e de refletir sobre tantas questões. Certamente muitas desses diálogos e vivências deixarão marcas muito mais duradouras que quaisquer teorias estudadas. E no meu ponto de vista vejo isso como algo extremamente válido para minha formação não só profissional, queira eu trabalhar com educação ou o tema que for, mas também humana.

Também me considero privilegiado pela educação que teve em casa, porque fui criado em um ambiente cercado de livros, de amor pelo conhecimento. E acredito que foi essa educação que me possibilitou ousar

olhar para fora das salas de aula e questionar se o que estava sendo oferecido a mim como importante era, de fato, importante. Me identifiquei muito quando li o livro “Fomos Maus Alunos”, de Gilberto Dimenstein e Rubem Alves (2003), em que os autores tratam de como – frente à decepção com a escola –, passaram a construir sua própria educação. Em certo trecho, Alves comenta sobre a fala de Dimenstein quando este explica que os objetos apresentados a ele por seu pai, mesmo humilde e de pouca instrução, tiveram muito mais influência na construção do seu conhecimento – por gerar mais curiosidade em sua mente – do que as disciplinas e matérias da escola. Objetos como livros, revistas, músicas e diversos materiais.

No entanto, penso naqueles que não tiveram a mesma sorte. Penso nos pais que batalharam uma vida inteira para colocar os filhos na escola, depositando nela a confiança de que lá seus filhos poderiam ter acesso ao conhecimento que seus antepassados não tiveram. Confiança de que na escola, seus filhos seriam educados para a cidadania, a vida em sociedade, e o mercado de trabalho. Penso, conseqüentemente, nas crianças e jovens que ingressaram no sistema de ensino imaginando que teriam acesso a uma variada gama de conhecimentos, e que lá seria o ambiente ideal e propício para a criação, a circulação de ideias. Alves e Dimenstein também fazem os mesmos questionamentos no livro. Alves comenta que o privilégio de ter pais como os de Dimenstein, e como os dele, é raro. Alves também questiona então o que ocorre com as muitas crianças que não têm esse incentivo em casa. Pais que além de não apresentarem aos seus filhos objetos que despertem neles a curiosidade do aprendizado, sequer contribuem com as atividades da escola para a formação de seus filhos. O mesmo então levanta a pergunta: o que fazer com crianças vindas deste contexto? Para ele, o papel do professor da escola, do educador, portanto, terá que ser maior ainda na vida dessas crianças. Alves levanta, então, outra pergunta: a falta de instrução, de educação, vindas de casa, pode ser compensada por esforços da escola?

Penso na frustração da expectativa criada por esses pais e filhos. Frustração ao ver que a escola não era exatamente como imaginaram, que a escola ou faculdade não era assim tão fantástica. Pessoas que, como eu, passaram a perceber que não poderiam expressar suas ideias e opiniões livremente, que não poderiam criar e expressar sua imaginação da forma como

julgavam ser melhor. Pessoas, seres humanos, que passaram a enxergar que precisariam se enquadrar nos moldes exigidos, nas regras impostas, nos requisitos necessários, caso quisessem ter sua capacidade reconhecida oficialmente pelos órgãos competentes. Indivíduos que, nesse processo, foram pouco a pouco deixando de lado suas aspirações, seus desejos de infância, seus sonhos da juventude, muitas vezes sua razão e alegria de viver.

Vem à minha mente uma palestra do senador Cristovam Buarque, ocorrida no auditório da reitoria da UnB alguns anos atrás. Em sua fala, o senador comparava as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) com os antigos mosteiros da Idade Média. Neste período, os mosteiros eram os grandes responsáveis por guardarem as informações científicas, livros, obras, enfim, praticamente todo o conhecimento produzido. Eles eram os detentores de grande parte do saber e, portanto, decidiam como e a quem estes saberes e informações seriam divulgados. É claro que não dá pra imaginar instituições com tal monopólio de informação nos dias de hoje, devido ao acesso fácil dos mais diversos conteúdos na Internet, por exemplo. No entanto, as IFES sempre foram vista desta forma, como aquelas responsáveis pela disseminação das informações na sociedade. E hoje, apesar de suas falhas e pontos fracos, muitos ainda olham para a universidade com este olhar esperançoso.

O senador discorreu sobre o problema ocorrido com os mosteiros, que devido ao monopólio do conhecimento e portas fechadas para os novos saberes que eram construídos nas ruas e praças, começou a perder sua credibilidade e espaço no meio intelectual, a ponto de logo então surgirem movimentos como o Renascimento, colocando à prova todo o conhecimento obtido até então. O exemplo foi citado para alertar as IFES que devem, inquestionavelmente, rever suas funções, papéis, serviços, ideais, processos, exigências, etc., se não quiserem passar pela mesma crise que os mosteiros.

Um cenário como esse faz com que muitos jovens, grupo no qual me incluo, pensem se seria possível um caminho alternativo, não apenas para ter sucesso nas finanças, mas principalmente na formação pessoal, como ser humano e cidadão. Lembro-me de tantos exemplos ao longo da história, de homens e mulheres que desafiaram os sistemas de ensino das universidades e conseguiram prosperar sem o auxílio direto das mesmas. Exemplos como os de Bill Gates, que abandonou a faculdade para fundar a *Microsoft*, que viria a

ser a maior empresa de *software* do mundo e que revolucionaria a informática. Também Steve Jobs, da *Apple*, que também abandonou seu curso de graduação. Existem também tantos outros, como o físico Albert Einstein, condenado por ser péssimo aluno de matemática na escola, mas que futuramente seria chamado de pai da Teoria da Relatividade, ideia que revolucionou o mundo.

E os exemplos não se restringem a estes nomes conhecidos. Quantas pessoas, anônimas, descobriram atividades que não aprenderam na escola e encontraram nestas, sentido e significado para suas vidas. Um filho que, por exemplo, aprendeu com o pai a consertar instrumentos musicais e manteve as portas da loja de luteraria da família abertas. Uma atividade vista muitas vezes, de maneira errônea, como “simples” ou “banal”, mas que trouxe ao filho mais alegria e prazer do que qualquer conceito científico complexo que foi obrigado a “aprender” na escola.

A verdade é que aulas fundadas em uma concepção meramente epistemológica, onde o professor fala e o aluno escuta; o professor dita e o aluno copia; o professor decide o que fazer e o aluno executa; o professor ensina e o aluno aprende, não se sustenta mais! Uma aula onde tudo que o aluno tem a fazer é submeter-se à fala do professor, ficar em silêncio, prestar atenção e se manifestar apenas quando autorizado, não faz mais sentido. O aluno já não mais só aprende se, e somente se, o professor ensina. Eu considero que me sai bem na minha trajetória educacional, e nunca me deixei ser preso às quatro paredes da sala de aula.

## O POTENCIAL CRIADOR

Diversos experimentos científicos têm comprovado a extraordinária capacidade humana de criar. Até pouco tempo atrás não se considerava importante entender como o processo criador funcionava no ser humano, a ciência sempre se preocupou basicamente em entender como o cérebro funcionava de um modo geral. Uma pergunta então veio à tona: é possível estudar o processo humano de criação de maneira científica? Diversos pesquisadores acreditam que sim e defendem que isso é fundamental para responder questões como: O que é genialidade criativa? Por que se busca a criação como forma de expressão? Como adquirimos a capacidade de criar? Quais fatores interrompem a capacidade de criar? Comportamento criativo pode ser ensinado? Estas perguntas certamente interessam e muito aos educadores. Um dos estudiosos que busca responder essas questões é Charles Limb (2010), que se utiliza de situações complexas, como improvisações de jazz, e as estuda de maneira aprofundada, buscando entender como o cérebro trabalha durante atividades como estas. O que acontece, por exemplo, com o cérebro quando ele lida com a improvisação, uma atividade que envolve bastante criação?

Vigotski, em sua obra “Imaginação e Criação na Infância”, trata de maneira riquíssima esses dois temas, imaginação e criação. Logo no início o autor define a atividade criadora do homem “aquela em que se cria algo novo” (VIGOTSKI, 2009, p. 08). A atividade criadora (também chamada pelo autor de combinatória) é uma das duas principais atividades do comportamento humano, sendo a outra a reconstituidora ou reprodutiva, quando se reproduz ou se repete meios de conduta anteriormente criados.

O autor defende que a criação é fruto da imaginação. O mesmo acredita que: “O cérebro não é apenas o órgão que conserva e reproduz nossa experiência anterior, mas também o que combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erguendo novas situações e novos comportamentos” (VIGOTSKI, 2009, p. 14).

Ainda para Vigotski, uma das questões mais importantes da pedagogia é a da criação na infância, “(...) do desenvolvimento e do significado do trabalho

de criação para o desenvolvimento geral e o amadurecimento da criança” (VIGOTSKI, 2009, p. 16), e o autor identifica que até os três anos de idade (primeira infância), crianças expressam seus processos de criação melhor em suas brincadeiras. É importante lembrar que para o autor esse processo não acontece de uma vez, mas lenta e gradativamente, desenvolvendo-se de formas mais elementares e simples para outras mais complexas.

Como a imaginação é matéria prima para a criação, para Vigotski, a atividade imaginatória “(...) depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela” (VIGOTSKI, 2009, p. 22).

A psicologia histórico-cultural de Vigotski entende que a aprendizagem não é uma mera aquisição de informações, não acontece a partir de uma simples associação de ideias armazenadas na memória, mas é ativo e interpessoal. Nessa teoria, portanto, encontramos uma visão de desenvolvimento humano baseada na ideia de que a criança reconstrói internamente uma atividade externa, como resultado de processos interativos que se dão ao longo do tempo e em diferentes espaços. Esse processo, portanto, é feito de acordo com as vivências e possibilidades de troca.

Para o psicólogo americano Carl Rogers (1994), criador da terapia não diretiva, o professor precisa dar espaço para que o aluno caminhe sozinho no seu processo de aprendizagem. Isso não implica em abandonar o aluno, mas não atrapalhar esse processo e criar uma relação de confiança, sem hierarquia ou abuso de poder.

A escola segundo Rogers, portanto, deve ser um ambiente privilegiado para fornecer o suporte necessário a ricas trocas entre o professor e o aluno, e também entre os próprios alunos. Entende-se, então, que nesse processo acontece a passagem do conhecimento espontâneo para o científico, possibilitando aos alunos não só a apropriação do legado cultural, mas a chance de olhar para o mundo com um olhar novo e individual. Assim, as crianças transformam seus conceitos espontâneos, que construíram sozinhas em suas relações cotidianas, em conceito científico. O professor deve, então, ajudar o aluno a fazer essa transição.

O pesquisador indiano Sugata Mitra (2007) conduziu um experimento fantástico, onde colocou computadores em pontos centrais em diferentes áreas das favelas de diversas cidades indianas, onde crianças nunca haviam tido contato com ferramentas tecnológicas. Os computadores foram deixados ligados, mas sem nenhum tipo de instrução de como usá-los. Os resultados foram impressionantes. Em pouquíssimo tempo, ao retornar para os locais onde os computadores foram deixados, Mitra pode constatar que as crianças do local já tinham dominado plenamente as funções básicas do computador, e tinham inclusive perguntas e demandas a fazer. Ou seja, elas aprenderam, não sozinhas, mas com a ajuda umas das outras, onde a única interferência de um adulto foi a de colocar a ferramenta correta no local correto.

O resultado dessa pesquisa mostra como é possível instigar a imaginação das crianças, estimular a curiosidade e dar início então ao lugar do processo criador até então estrito à sala de aula, apenas ao colocar à disposição de um grupo de crianças as condições ideais para tal. E é isso que precisa ser feito nas escolas: criar as condições adequadas e sair do caminho, deixar as crianças aprenderem. Eles têm todo o potencial necessário dentro de si para isso!

## **A ESCOLA**

### **A Gênese**

O modelo escolar que se conhece hoje é fruto de um modelo criado nos séculos XVIII e XIX, época em que o Estado começou a se preocupar oficialmente com a Educação, com o principal objetivo de atender as demandas do industrialismo. Um pouco antes, no século XVII, enquanto o Absolutismo triunfava na França, a Inglaterra sofria as revoluções lideradas pela burguesia, que tinham como objetivo limitar a autoridade dos reis. As conquistas e exigências burguesas, bem como suas ideias subvertem as concepções políticas nos séculos XVII e XVIII. No Novo Mundo, os movimentos de emancipação das colônias são bem-sucedidos, como a Independência dos Estados Unidos (1776), enquanto outros são violentamente reprimidos, como as Conjurações Mineira (1789) e Baiana (1798), ambas no Brasil. Na Europa, o grande acontecimento é a Revolução Francesa (1789) que, representando a luta contra os privilégios da nobreza, defendia os princípios de “igualdade, liberdade e fraternidade”.

No século XIX, as exigências democráticas não eram apenas da nova classe dos burgueses, mas também dos operários, cujo número crescia consideravelmente, já que a Revolução Industrial aumentara a concentração urbana. Os operários, organizados em sindicatos e influenciados por ideias socialistas, exigem melhores condições de trabalho. As novas formas de organização de massa dão a tônica do pensamento político do século XIX, que pretende se configurar como liberalismo democrático. As reivindicações de igualdade se manifestam das mais variadas formas: na defesa do sufrágio universal, ampliação das formas de representação, pressões para reformas eleitorais; na exigência de liberdade de imprensa e na implantação da escola elementar universal, leiga, gratuita e obrigatória, cuja luta se torna bem-sucedida na Europa e nos Estados Unidos da América.

A escola foi antes de tudo um instrumento para o uso social de uma ordem de representações determinada. Ela aparece sempre integrada a uma estratégia de regularização, de normalização, de assistência, de habilitação e de vigilância das crianças. A escola foi organizada como um dispositivo de

controle do corpo político da sociedade. Evasão, políticas de reforma, exclusão, reprovação, privatização da educação compõem na narrativa que conta a história dessa ambiguidade do funcionamento do sistema escolar, no mundo e no Brasil.

Com o passar dos anos o que se vê hoje é que todo o propósito da educação pública é produzir acadêmicos. A “academicabilidade” vem dominando nossa visão de inteligência, porque as universidades vêm moldando o sistema de acordo com sua própria imagem. Todo o processo educativo hoje é um processo de ingresso às universidades. E as universidades, por sua vez, têm como principal objetivo formar novos acadêmicos, ou então novos profissionais, moldados num processo de homogeneização, como se fossem de fato produtos manufaturados saídos de uma grande fábrica, todos iguais, em blocos chamados “turmas do ano X ou Y”, atendendo às demandas de “qualidade” e “satisfação” do mercado de trabalho. Toda esta visão de necessidade de uma certificação precisa ser questionada. Até que ponto esta atitude é benéfica? Até que ponto ela não causa na verdade uma grande exclusão na sociedade?

Em função do impulso causado pelo processo de globalização, atualmente o valor agregado da educação começou a ser visto como fator estratégico para o desenvolvimento dos países. Diante do novo cenário, os setores produtivos, ao perceberem a importância do conhecimento, passaram a reivindicar e cobrar das escolas um conjunto de competências direta ou indiretamente relacionadas com as demandas do mercado. Portanto, existe hoje o que muitos chamam de “inflação acadêmica”. Um diploma superior atualmente praticamente não tem valor. Antigamente um diploma era a garantia de um trabalho. Agora, empregos que antes solicitavam apenas uma graduação, hoje requerem um mestrado, trabalhos que antes exigiam um mestrado, hoje requerem um doutorado, e assim por diante. Além disso, nunca se viu, como nos dias de hoje, tantas pesquisas acadêmicas sendo feitas. No entanto, muitas delas inúteis e totalmente dispensáveis, incentivadas a serem feitas não pelo interesse de produzir um conhecimento novo, mas para satisfazer a uma exigência acadêmica rígida e que não é, mas deveria ser, questionada. Muitos pesquisadores hoje não levam em conta o real valor de seus trabalhos para a sociedade, não param para refletir sobre questões éticas

e morais que estão agregadas às suas pesquisas. Basta observar os títulos de muitos artigos acadêmicos, a grande maioria uma mera repetição, sem sequer um parágrafo que acrescente uma ideia nova. Por que isso vem acontecendo? Um dos argumentos que se levanta é que o principal motivo dessa situação é que as pessoas perderam suas capacidades de criar algo novo, algo original. E acredita-se que o atual sistema de ensino é o grande responsável por isso, ao exigir uma padronização no processo e na avaliação da aprendizagem. É a escola e posteriormente a universidade que, além de sufocarem a capacidade criadora dos indivíduos que nelas ingressam, exigem cada vez menos produções que façam sentido para os alunos e cada vez mais trabalhos com fins em si mesmos, deixando de aproveitar, portanto, a diversidade e ricas possibilidades existentes no potencial criador que existe em cada aluno.

Uma das correntes de pensamento que surgem entre os séculos XVII e XIX é o Utilitarismo, cujo fundador é Jeremy Bentham (1748-1832). Sofrendo a influência empirista das ideias iluministas, a teoria utilitarista pretende ser um instrumento de renovação social, a partir de um método rigorosamente científico. Bentham se tornou conhecido por ter imaginado o *Panopticon* (que significa “ver tudo”), construção com uma torre de controle central e um prédio cheio de janelas onde seriam confinadas pessoas que precisariam ser vigiadas constantemente, tais como loucos, doentes, condenados, operários ou estudantes. Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês contemporâneo e opositor do utilitarismo, em sua obra “Microfísica do Poder” identifica nas ideias de Bentham o processo iniciado na Idade Moderna pelo qual é constituída a “sociedade disciplinar”, baseada no controle e vigilância na fábrica, na prisão, no hospício, no exército, e na escola.

Outro nome que merece destaque contra a corrente de pensamento utilitarista é o de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Filósofo suíço, iluminista, precursor do romantismo, Rousseau valoriza o sentimento, num ambiente onde o foco era dado ao racional. As principais ideias políticas de Rousseau estão nas obras “Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens” e “Do Contrato Social”. Em “Emílio, ou da Educação”, o autor defende, por exemplo, que os adultos não devem impor seus sentimentos, pensamentos ou interesses às crianças durante seu desenvolvimento.

## **Tendências Pedagógicas**

As discussões sobre a função da escola e seu papel dentro da sociedade tomaram caminhos diversos nos últimos anos. Segundo José Carlos Libâneo (1985), várias correntes pedagógicas surgiram, dentre elas o racionalismo acadêmico, onde o aluno muitas vezes tem uma insignificante participação no seu próprio processo de ensino e aprendizagem. Entende-se que a escola é meramente o local onde os alunos recebem a herança cultural acumulada pelas gerações passadas. Assim, o indivíduo considerado “educado” é aquele que entende bem os assuntos dessa herança. Ainda, o racionalismo acadêmico acredita que o processo educacional deve fornecer ferramentas para o desenvolvimento intelectual do aluno e, portanto, o conteúdo de cada disciplina deve ter uma ordem clara e racional.

Outra corrente de pensamento é a da tecnologia do ensino. Nessa linha de pensamento acredita-se que o processo de aprendizagem precisa ser bem controlado. O planejamento é elaborado por especialistas que decidem o que é mais ou menos importante aprender e definem os critérios de avaliação dessa aprendizagem; a escola é vista como uma empresa, utilizando um processo semelhante à linha de montagem de uma produção industrial. É muito utilizada em projetos de treinamento de funcionários e na formação de mão-de-obra.

Diversas tendências pedagógicas têm marcado especificamente a educação brasileira nos últimos 50 anos. Manifestam-se nas práticas escolares de muitos profissionais do ensino. Dentre elas, destaca-se a Tendência Liberal Tradicional, onde o papel da escola é basicamente a preparação intelectual e moral dos alunos para assumir posições na sociedade. Nesse modelo, predominante na história educacional, o conteúdo do ensino são os conhecimentos e valores acumulados pelas gerações, e são transmitidos por exposição verbal da matéria feita pelo professor.

Outras tendências pedagógicas são: Tendência Liberal Renovada Progressista, que ajusta as necessidades individuais dos alunos ao meio social e, portanto, entra em choque com práticas pedagógicas tradicionais; Tendência Liberal Renovada Não-Diretiva, onde a educação se preocupa especialmente com problemas psicológicos e não tão sociais e pedagógicos; e a Tendência

Liberal Tecnista, que modelava o comportamento humano, introduzida especificamente nos anos 60 com objetivo de adequar o sistema educacional brasileiro à política do regime militar.

Dentro da linha da Pedagogia Progressista, onde as tendências têm finalidades mais sociopolíticas, destaca-se a Tendência Progressista Libertadora, onde a educação é entendida como atividade em que professores e alunos extraem os conteúdos a serem aprendidos pela própria realidade que os cerca e, conhecendo melhor então essa realidade, podem interferir nela de maneira mais consciente. Paulo Freire foi o principal inspirador e divulgador dessa tendência e teve especial influência expressiva nos movimentos populares. Outras tendências são: Tendência Progressista Libertária, que exerce uma transformação na personalidade dos alunos num sentido libertário e de autogestão; e a Tendência Progressista “Crítico-Social dos Conteúdos”, em que o ensino de conteúdos ligados às realidades sociais é a tarefa principal.

Dentre os muitos nomes que trataram do tema “Educação”, um que se destaca é o de John Dewey (1859-1952), filósofo norte-americano. Dewey foi o principal representante da corrente filosófica pragmática e defendia que a liberdade de pensamento era fundamental para o desenvolvimento emocional e intelectual infantil. Para ele, o processo educacional precisa estar tão entrelaçado com a prática, que este passa a ser “(...) a própria vida” (DEWEY, 1967, p.7). Dewey teve grande influência no pensamento e obra de grandes nomes da educação, como o educador brasileiro Anísio Teixeira, que fundou as bases do movimento Escola Nova no Brasil, e a educadora italiana Maria Montessori (1870-1952).

Para Montessori, a educação deve privilegiar a busca direta e pessoal do aprendizado, por meio do manuseio dos objetos e de atividades práticas, assim é possível desenvolver a esfera motora e as percepções do aluno. Montessori defende que o professor deve preparar o ambiente propício a aprendizagem e depois deixar a criança à vontade para aprender. O preparo desse ambiente:

(...) exige do professor o autoexame, a renúncia à tirania. Deve expelir do coração a ira e o orgulho, deve saber humilhar-se e revestir-se de caridade. Estas são as disposições que seu

espírito deve adquirir a base da balança, o indispensável ponto de apoio para seu equilíbrio. Nisso consiste a preparação interior: o ponto de partida e a meta (MONTESSORI, 1992, p. 178).

É notório que a maneira como a educação vem sendo pensada tem mudado. Muitos métodos equivocados foram revistos, novas ideias trazidas à baila por inúmeros pensadores. No entanto, nem tudo depende da didática que se adota. É importante observar que, independente das muitas ideias de como tratar o tema e qual tendência pedagógica o professor ou escola deve buscar trabalhar, mesmo quando dirigido pelas melhores das intenções, às vezes o professor pode sentir que os objetivos desejados são barrados pela inércia e rigidez do sistema educacional como um todo. É de extrema importância levar em conta que o crescimento industrial e científico nas sociedades contemporâneas leva a educação a exercer o controle social. Desta forma, o que se vê é a educação transformando-se em necessidade para diplomar seletivamente pessoas e controlar as que ascendem à classe consumidora. A institucionalização do ensino, atrelada às necessidades do capitalismo, assume características empresariais, nas quais presenciamos a comercialização do conhecimento e a transformação do aluno em um objeto de consumo. Assim, a escola alarga o campo de sua atuação e se torna um “monopólio radical”, segundo o pensador contemporâneo austríaco Ivan Illich, que chega até mesmo a propor o fim da escola como a conhecemos, em sua obra “Sociedade Sem Escolas” (1973). Para ele, a escola é vista pela sociedade como a principal possibilidade de um futuro promissor e de um emprego digno. No entanto, para ele é preciso “criar entre o homem e aquilo que o rodeia novas relações que sejam fontes de educação, modificando simultaneamente as nossas relações, a ideia que fazemos do desenvolvimento, os utensílios necessários para a educação e o estilo de vida cotidiana” (Illich, 1973, p.6).

Outro autor que merece destaque é o sociólogo italiano contemporâneo, Domenico De Masi. O autor não concorda com o fato de a sociedade estar centrada na idolatria ao trabalho, conseqüentemente também o sistema de ensino. Ele propõe um novo modelo, baseado no equilíbrio entre trabalho, estudo, jogo e lazer, no qual os indivíduos são educados para privilegiar a satisfação de necessidades da alma humana, como a filosofia, a amizade, o amor, etc. O autor discorre sobre esse pensamento em sua obra “O Ócio

Criativo”, defendendo que é durante o tempo livre que podemos explorar nosso potencial na arte, criação, liberdade e bem-estar.

Ao apresentar o termo “Pedagogia do Ócio”, o autor corrobora com o argumento que tem sido apresentado no presente trabalho:

O trabalho perdeu o papel central que ocupou durante um par de séculos até agora, e que, portanto, a família, a escola e a mídia devem colocar ao lado da atual educação profissional dos jovens outro tipo de educação, igualmente séria, com vistas às atividades lúdicas e culturais. Do mesmo jeito que se aprende a ser técnico de informática, torneiro mecânico, engenheiro ou farmacêutico, também se aprende a ser pai, telespectador, cidadão e turista. Aprende-se, enfim, a viver a plenitude da vida pós-industrial, feita não só de trabalho cansativo, mas também de ócio inteligente (DE MASI, 2001, p. 220).

## ERRAR FAZ PARTE

Um ponto importante a destacar é a grande capacidade de inovação das crianças que, num primeiro momento, não têm medo de se arriscarem ou estarem erradas, não se importam em serem taxadas de ridículas. Segundo Vigotski: “A criança é capaz de imaginar bem menos do que um adulto, mas ela confia mais nos produtos de sua imaginação e os controla menos” (VIGOTSKI, 2009, p.46). E o erro, é sem dúvida parte do processo de criação. Se não se está preparado para errar, nunca se terá capacidade de criar algo original. Afinal, criar não é um processo fácil e muitas vezes vem carregado de dor e sofrimento. Vigotski chama essa situação de “os suplícios da criação” e atenta para o fato de que “A necessidade de criar nem sempre coincide com as possibilidades de criação e disso surge um sentimento de sofrimento penoso” (VIGOTSKI, 2009, p. 55).

No entanto, até o momento em que atingem a vida adulta, a grande maioria das crianças perde a capacidade de não se importar com o erro. Por quê? Porque são educadas em uma sociedade que não tolera o erro, que o condena, que aponta o dedo, que ranqueia, que pune ou premia mediante o mérito. Não se pode “(...) funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar” (FOUCAULT, 1977, p. 134). Empresas de todo o mundo são gerenciadas dessa forma e tem-se gerido instituições educacionais da mesma forma, como se o erro fosse a pior coisa que se pudesse ser cometido. Essa visão estritamente meritocrática tem educado as pessoas fora de suas capacidades criadoras e mais do que nunca temos visto na sociedade os resultados negativos disso.

Segundo Vigotski:

A atividade de imaginação, na forma como se manifestava na infância, retrai-se na adolescência. É muito fácil perceber isso quando, numa criança dessa idade, como regra geral ou na maioria dos casos, desaparece a paixão pelo desenho. Apenas algumas, de maneira isolada, continuam a desenhar e, em sua maioria, são as mais talentosas ou estimuladas pelas condições externas com aulas especiais de desenho, etc. A criança começa a ter uma relação crítica com os seus desenhos; os esquemas infantis deixam de satisfazê-la; eles parecem-lhe por demais objetivos e ela chega à conclusão de que não sabe desenhar, pondo de lado o desenho. Podemos

observar a mesma retração da fantasia infantil quando desaparece o interesse da criança pelas brincadeiras ingênuas da primeira infância e também pelos contos de fadas (VIGOTSKI, 2009, p. 48 e 49).

Ainda:

(...) as vivências do sofrimento relacionadas à criação (...) desvendam para nós o último e mais importante traço da imaginação, sem o qual o quadro delineado por nós estaria incompleto em sua essência. Esse traço – o ímpeto da imaginação para encarar-se – é a verdadeira base e o início motriz da criação. Qualquer construção que parta da realidade tende a fechar o círculo e encarar-se na realidade (VIGOTSKI, 2009, p. 57 e 58).

Em um estudo feito por George Land e Beth Jarman (1968), os pesquisadores aplicaram um teste a 1.600 crianças, de 3 a 5 anos, que media a capacidade de pensar de maneira criativa. O mesmo teste foi aplicado às mesmas crianças, quando completaram 10 e posteriormente 15 anos de idade. O resultado foi alarmante: enquanto que 98% das crianças com idade de 3 a 5 anos tiveram resultados classificados como “genial”, apenas 32% das mesmas crianças atingiram o mesmo nível quando tinham de 8 a 10 anos, e apenas 10% quando tinham de 13 a 15 anos. O mesmo teste foi aplicado a um grupo de adultos com mais de 25 anos e apenas 2% obtiveram os mesmos resultados “geniais”.

Em outro estudo divulgado por Gilberto Dimenstein (2011), feito pela Universidade de Duke (Carolina do Norte, Estados Unidos) foram acompanhadas 1.037 pessoas desde a primeira infância até os 32 anos de idade e teve o intuito de desvendar os segredos para uma carreira bem sucedida. Um dos elementos mais importantes observados foi a capacidade de autocontrole no âmbito acadêmico e profissional. Foi concluído que crianças que conseguem lidar melhor com a frustração tendem a ter mais sucesso na vida adulta, em diversas áreas. Isso prova que o bom desempenho acadêmico e profissional está menos ligado à inteligência do que à capacidade de gerenciar os impulsos, lidar com frustrações, focar e perseverar. Frente aos resultados da pesquisa, algumas escolas já têm trabalhado com projetos

pioneiros destinados a desenvolver o autocontrole e a procurar soluções para desafios.

É extremamente importante colocar a ressalva, e Dimenstein o faz com propriedade quando divulga a pesquisa, de que é sim, essencial saber trabalhar com as limitações, erros e frustrações. No entanto, é preciso tomar muito cuidado para que tais atividades sejam feitas com o objetivo maior de sempre estimular a imaginação e o processo de criação na criança e não para que ela meramente seja “bem sucedida” na carreira profissional.

Até acho que as pesquisas sobre autocontrole fazem muito sentido. Saber trabalhar as limitações e frustrações é essencial para manter a garra. Meu receio é o modo como isso se traduz na prática. Tenho visto muitos pais e educadores reduzirem o espaço da brincadeira, importante para a imaginação, para que a criança seja um adulto supostamente mais eficiente. Muita criança de classe média tem agenda de executivo. Se o autocontrole é importante para o bom desempenho, a imaginação também o é (DIMENSTEIN, 2011).

Existe um senso comum de que a imaginação na criança é mais rica do que no adulto. Vigotski diz que isso é uma grande falácia. A verdade é que a experiência da criança é bem mais pobre do que a do adulto, por seus interesses serem bem mais simples e por sua relação ainda limitada com o meio. Mas, ela não tem medo do fracasso e suas ações são, portanto, mais livres. Infelizmente, no entanto, até o momento em que a criança atinge a juventude, muitos dos seus sonhos já terão sido sufocados e esse quadro só tende a piorar quando for adulta. Pergunta-se, então: como surge então o medo ao erro na criança? Ele sentimento é natural? Acredita-se que não, que ela vem exatamente da maneira como esta é educada. Vigotski atenta para o fato de que o processo de criação de algo original, não é fácil, principalmente conforme crescemos. “(...) as vivências do sofrimento relacionadas à criação têm uma influência séria no destino da criança e do jovem em desenvolvimento” (VIGOTSKI, 2009, p.57).

Deixar de imaginar, de criar, devido às dores do processo de criação e ao medo do erro, muitas vezes sufoca ou aborta sonhos. Vê-se esse quadro com muita clareza (e pesar) na cidade de Brasília. Por ser a capital política do país, o número de indivíduos que trabalham no setor público é enorme. Como

os salários, planos de carreira e benefícios da carreira de servidor público são extremamente atraentes, inúmeros jovens, muitos deles apoiados por instituições escolares que focam seus currículos visando o preparo para a conquista de uma vaga em um concurso público, não veem outra opção de carreira a não ser a de servidor público. O problema é que nesse frenesi, muitos jovens deixam de lado suas inspirações iniciais, seus sonhos, nessa busca do conforto e segurança financeira que a vida de servidor público oferece, não importando em qual área ou carreira vão atuar. Trata-se, então, de um “abortamento” em massa de talentos. A escola precisa atentar para a seriedade do papel que ela exerce nesse processo.

## UMA EDUCAÇÃO DIFERENTE

É importante educar crianças não apenas nos momentos e atividades “óbvias”, ou seja, sentadas na carteira da sala de aula, olhando pra frente, em silêncio. Não! Todo momento é oportuno para aprender e a criança deve estar livre para desenvolver essa habilidade de explorar todas as possibilidades à sua volta. Para De Masi:

A criatividade se nutre de desperdício: de milhares de horas de reflexão ou exercício, que vistas de fora podem parecer pura perda de tempo. Mas na verdade são uma perambulação do corpo e da mente, que mais cedo ou mais tarde acaba desembocando numa ação positiva (DE MASI, 2001, p. 176).

Exemplo oportuno que De Masi coloca para defender seu raciocínio é a maneira como estudavam os enciclopedistas, como Rousseau:

(...) se reuniam de manhã, cada um permanecia no próprio quarto, estudando. Durante a tarde, se encontravam, cada um lia para o outro aquilo que tinha pensado e, à noite, dedicavam-se à música e ao entretenimento. Desse modo, junto com um sistema de difusão do saber, aperfeiçoaram também um método para incrementar a criatividade científica. Um método possível graças ao fato de que esses *lumi* não tinham qualquer preocupação de ordem econômica ou prática (DE MASI, 2001, p. 30).

De Masi define criatividade como sendo: “(...) um processo mental e prático, (...), graças ao qual uma só pessoa ou um grupo, depois de ter pensado algumas ideias novas e fantasiosas, consegue também realizá-las concretamente” (DE MASI, 2001, p. 206). A definição do italiano vai ao encontro da definição apresentada por Vigotski no início do trabalho e do educador inglês Sir Ken Robinson, que acredita que criatividade é a: “capacidade de ter ideias originais que tenham valor” (ROBINSON, 2006). Em ambas as definições vê-se que não se trata de simplesmente fantasiar ou ter devaneios, é preciso saber realizar o que se idealiza, colocar planos em prática. E a escola precisa estar pronta para fornecer um espaço que permita criar.

Cada um tem seu espaço e sua maneira de se relacionar com o mundo e professores precisam enxergar isso em si mesmos e nos seus alunos. Educar em um ambiente sadio, onde há liberdade para errar, criar, expressar-se, é benéfico não apenas para o aluno, mas também para os professores e profissionais que trabalham na escola. Para o filósofo chileno contemporâneo Juan Casassus:

Os professores, muitas vezes, se veem levados a comportamentos emocionais que não vêm tanto de si mesmos, e sim de como a cultura define o papel do docente – e esta o definiu quase exclusivamente em termos racionalistas. O papel docente foi concebido eminentemente em termos cognitivos e valorativos, sem que fosse contemplada a dimensão emocional das relações humanas (CASASSUS, 2009, p. 207).

Ao analisar a maioria dos problemas levantados por professores nas salas de aula (comportamento, disciplina, violência, falta de respeito e cordialidade, falta de interesse, baixo rendimento, etc.) percebe-se que quase todas as necessidades e problemas são de natureza emocional. O professor precisa entender que ganhará muito mais se apresentando perante seus alunos como um indivíduo humano, como eles, de carne e osso, do que como uma figura emblemática e superior. Agindo assim seus alunos certamente se identificarão mais com sua figura e até mesmo terão mais tolerância quando este cometer equívocos, pois entenderão que errar é aceitável e que ele também é um indivíduo sujeito às mesmas paixões e declínios que eles.

Um exemplo oportuno referente a esse assunto é o dilema enfrentado pelo professor no filme *Entre os Muros da Escola* (CANTET, 2008). Ao se deparar com uma sala de aula extremamente diversa, fruto do contexto social de periferia francesa onde a escola está inserida, o professor após muitos desafios, percebe que seu método convencional não interessa aos alunos, jovens franceses com questões amorosas, políticas e esportivas ocupado suas mentes inquietas. Ao notar isso, o professor, que com humildade se despe de sua “capa” de intelectual e detentor final do conhecimento, começa a perceber o aluno como um ser ativo, que quer participar de seu próprio processo de aprendizagem, quer expressar-se, mostrar do que é capaz. Dar ao aluno esta autonomia e responsabilidade é fundamental para que o conteúdo apresentado

a ele faça sentido e conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem tenha legitimidade. O diálogo aberto e sincero com seus alunos leva o professor a uma posição de respeito e confiança e com esse espírito de compreensão no ar, o ambiente de trabalho se torna mais produtivo para a criação. O filme foi vencedor do prêmio “Palma de Ouro” do Festival de Cannes, França, em 2008.

Ivan Illich (1973), ao decorrer sobre a trajetória de vulnerabilidade, fragilidade e ruptura de vínculos em diversas dimensões da existência humana em sociedade, defende que esse mesmo processo de segregação é real na sala de aula. O conceito de monopólio radical que o autor apresenta propicia a análise da organização mercadológica da sociedade contemporânea. As salas de aula não podem, nas palavras de Foucault, formar: “(...) um grande quadrado único, com entradas múltiplas, sob o olhar cuidadosamente 'classificador' do professor” (FOUCAULT, 1977, p. 135). Nem, ainda segundo Foucault: “(...) um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar físico onde os menores movimentos são controlados onde todos os acontecimentos são registrados (...)” (FOUCAULT, 1997, p.174). Interessante notar que Foucault nesta última citação refere-se a uma fábrica, mas veja como é possível encaixar completamente essas características a uma sala de aula de qualquer escola. A verdade é que controlar os alunos é mais fácil, para o professor, para o orientador, diretor e coordenador. E com o aparente nobre objetivo de garantir a qualidade da educação oferecida, “(...) procura-se também garantir a qualidade do tempo empregado: controle ininterrupto, pressão dos fiscais, anulação de tudo que possa perturbar distrair (...)” (FOUCAULT, 1977, p. 137).

Precisamos de regras, sim. Não queremos aqui ser fatalistas e propor uma educação desordenada. Mas que estas regras estejam sempre acompanhadas de “vínculos, de desafios, não de barreiras burocráticas” (DE MASI, 2001, P.157). O perigo mora na submissão às regras de uma maneira cega, que para Foucault constituiria na formação do discurso, “podendo reduzi-la [a regra] apenas a um elemento do poder. Assim, a sociedade se torna disciplinada através da linguagem dos discursos que se proliferam indefinidamente” (FOUCAULT, 1998).

## CONCLUSÕES

O presente trabalho teve como objetivos básicos investigar o que é o potencial criador do ser humano, responder o questionamento de como a escola esta abortando o potencial de criação dos alunos, e apresentar algumas ideias para mudar o atual sistema educativo, visando educar de maneira integral as crianças. É claro que o que foi abordado aqui não esgota o assunto e ainda há muito que ponderar. Espera-se, no entanto, que as discussões apresentadas aqui sirvam de estímulo para que novos questionamentos e pesquisas sejam levantadas. Como dito, o processo criador acontece de modo singular em cada indivíduo e é um campo ainda muito novo e pouco estudado pela ciência, mas mais do que nunca se vê que sua importância vem sendo reconhecida na formação do ser humano.

Entende-se que o ideal seria rever e revolucionar toda a maneira de se pensar o atual sistema educativo. No entanto, sabe-se que não se trata de um processo simples que possa ocorrer em um curto período de tempo. É preciso repensar vários conceitos como educação, sociedade, trabalho, criatividade, etc. Mas, para que grandes mudanças ocorram, é importante começar revendo medidas pontuais no dia-a-dia. E é isto que este presente trabalho propõe. Que a escola comece aos poucos repensando suas ações. Que os profissionais do ensino façam o mesmo. Que as famílias também revejam seu papel na formação de suas crianças. Mudanças positivas, por mais simples que pareçam, possuem a capacidade de trazer grandes discussões e questionamentos à tona. A partir disso, então, todo um conjunto de ideias pode ser repensado.

Uma dúvida que pode surgir no leitor é se a atividade da imaginação não depende do talento individual. Essa ideia não é correta e segundo Vigotski:

Se compreendermos a criação, em seu sentido psicológico verdadeiro, como a criação do novo, será fácil chegar à conclusão de que a criação é o destino de todos, em maior ou menor grau; ela também é uma companheira normal e constante do desenvolvimento infantil (VIGOTSKI, 2009, p.51).

Nossas crianças possuem grande capacidade de criação e inovação, mas, infelizmente, o atual sistema de ensino arcaico e ineficiente frente à

sociedade contemporânea tem sufocado seus potenciais. Crianças hoje são educadas em uma sociedade que não tolera o erro. Agindo assim, estas crescem fora de suas capacidades criadoras. A verdade é que hoje se educa dando ênfase apenas à parte superior do pescoço, ou seja, à cabeça do aluno. Isso porque quem as educa são acadêmicos que por sua vez são frutos desse mesmo sistema educacional e aprenderam que a racionalidade é a coisa mais importante. São professores que vivem em suas próprias mentes, em suas próprias teorias, como se o cérebro fosse desintegrado do corpo.

Em brilhante entrevista na Praça Catalunha (Barcelona, Espanha) o renomado escritor uruguaio Eduardo Galeano diz que não se considera um intelectual:

Não sou guru de nada, nem sábio, e confesso: os intelectuais me dão pena. Eu não quero ser um intelectual. Quando me chamam de distinto intelectual, digo não! Não sou um intelectual! Os intelectuais são os que divorciam a cabeça do corpo. Eu não quero ser uma cabeça que rola por aí. Eu sou uma pessoa! Sou uma cabeça, corpo, sexo, barriga, tudo! Mas não um intelectual, abomináveis personagens! (...) Cuidado com quem somente raciocina. Cuidado! Temos que raciocinar e sentir. E quando a razão se separa do coração, começa a ser sacudida. (...) Eu acredito nessa fusão contraditória, difícil, mas necessária, entre o que se sente e o que se pensa. (...) Me interessa a sabedoria que combina o cérebro com as tripas (GALEANO, 2011).

Como já foi colocado, muita ênfase tem sido dada a disciplinas tradicionais e essas matérias, ditas “mais importantes”, para a formação são as colocadas no topo da lista de prioridades quando se pensa no currículo escolar. Assim, crianças são tiradas de coisas que elas gostam, como o desenho, a dança, o canto, a produção de sons, com o pretexto de que elas não poderão se sustentar através delas, nunca terão um emprego. E a consequência disso é que grandes talentos são desperdiçados porque são levados a acreditar que não são, porque as coisas nas quais eram boas em fazer eram estigmatizadas pela escola.

O movimento de padronização de testes é parcialmente responsável pela priorização de certas disciplinas, como Línguas, Matemática e Ciências, enquanto outras como Artes foram marginalizadas. Isso levou muitos alunos a serem estigmatizados na escola, muitos que acabaram sendo medicalizados e

diagnosticados com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), que, segundo o sítio eletrônico da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), se caracteriza basicamente por um comportamento frequente de desatenção, inquietude e impulsividade. No entanto, tudo que essas crianças “sofriam” era na verdade puro tédio com a escola e o conteúdo transmitido.

Muitos profissionais da educação, no entanto, têm sido incapazes de lidar com essa “impulsividade” do aluno, não porque o mesmo tem de fato TDAH, mas porque simplesmente é uma criança, um jovem, com um corpo e mente que os convida a explorar, a criar, a experimentar. E ao invés estimular seus sentidos e percepções, usa-se drogas para anestesiá-los. Se dermos condições e espaço para que esses alunos desenvolvam suas habilidades e interesses, teremos no futuro pessoas bem sucedidas e felizes. Cabe a pergunta: quanto potencial criador existe nas crianças espalhadas por aí nas salas de aula de todo o mundo, com suas mentes a mil borbulhando de ideias. No entanto, ao invés de incentivar suas criações, as rotulamos com diagnósticos e as entupimos de drogas controladas.

Uma falsa verdade que precisa ser desmentida é a de que as possibilidades criadoras das crianças limitam-se de forma exclusiva à criação artística. Em todas as áreas há espaço para que se manifeste o potencial criador, seja para desenvolver uma nova fórmula química, um novo teorema matemático, um novo modo de olhar para os desafios ambientais que o mundo tem enfrentado e propor soluções conjuntas de diferentes áreas do conhecimento, etc. Infelizmente, a educação tem dado importância exclusiva à “inteligência” baseada exclusivamente em testes de QI, restringindo assim as outras muitas potencialidades que a complexidade da mente humana carrega. E para a direção em que a sociedade atual tem caminhado isso se tornará insustentável. Toda a estrutura educacional já vem sofrendo mudanças diariamente e, portanto, é preciso também rever radicalmente os conceitos de inteligência que se tem utilizado.

A educação tem sido um tema em alta e que todos parecem ter interesse e uma opinião, no entanto é preciso encarar o desafio de educar crianças para um mundo que sequer é sabido com certeza como será. É

fundamental, portanto, repensar os princípios fundamentais com os quais as crianças têm sido educadas.

Conforme se avança no século XXI, entra-se em uma época pós-industrial, em uma sociedade cujo sentido escapa, chamada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman de “tempos líquidos”, que está em mudança constante e na qual todos são chamados a operar em sistemas sociais que mudam a todo momento, exigindo que se apreenda novas formas de ser, de trabalhar, de viver. E os educadores têm a grande responsabilidade de educar seus alunos para esse contexto. Não cabe mais acreditar que o ser humano se caracteriza principalmente pelo componente mental, racionalista e linguístico. É preciso considerar que a mente, o corpo e as emoções são todas dimensões vitais para um indivíduo.

De Masi também trata dos desafios da sociedade pós-industrial. Para ele, nessa sociedade acredita-se que o futuro da humanidade depende, em grande parte, de sua capacidade programadora:

A sociedade pós-industrial, pelo contrário, crê que o destino dos homens depende, em grande parte, de sua própria capacidade de programação. Eu coloco a criatividade no centro (...). Se tivesse que definir a sociedade pós-industrial de outra maneira, eu a definiria como sociedade criativa. O coração desta sociedade é a informação, o tempo livre e a criatividade, não só científica, mas também estética (DE MASI, 2001, p. 83).

O autor continua afirmando que:

Na sociedade pré-industrial, a esfera emotiva reinava. Na sociedade industrial triunfou a razão. Hoje, conquistando o que é racional, podemos voltar a valorizar sem temor também a esfera emotiva. Emoção, fantasia, racionalidade e concretude são os ingredientes da criatividade. A racionalidade nos permite executar bem as nossas tarefas, mas sem emotividade não se cria nada de novo (DE MASI, 2001, p. 102).

Se o objeto então é preparar as crianças para o futuro incerto que as aguarda, é “importante ter um novo olhar para as engrenagens das instituições educacionais e questionar a verdade dos discursos para abrir possibilidades de mudança na prática educativa” (FOUCAULT, 1998). E para que os alunos atinjam a autonomia intelectual, capacitando-se a resolver as situações

inesperadas que a vida possa apresentar, é preciso educá-los para que sejam capazes de pensar e criar algo novo, algo original. Segundo De Masi:

Educar um jovem ou um executivo para a criatividade hoje significa ajuda-lo a identificar sua vocação autêntica, ensina-lo a escolher os parceiros adequados, a encontrar ou criar um contexto mais propício à criatividade, a descobrir formas de explorar os vários aspectos do problema que o preocupa, de fazer com que sua mente fique relaxada e de como estimulá-la até que ela de a luz a uma ideia justa. Sobretudo significa educa-lo para não temer o fluir incessante das inovações. (DE MASI, 2001, p. 202).

A partir desse ponto, pode surgir na mente do leitor a mesma pergunta que Vigotski traz à tona, no que diz respeito ao estímulo da imaginação e criação:

(...) qual é o sentido dessa criação se ela não pode formar na criança um futuro criador, se ela é somente um fenômeno breve e esporádico no desenvolvimento do adolescente que, posteriormente, retrai-se, às vezes, desaparece por completo (VIGOTSKI, 2009, p. 95, 96)?

O mesmo Vigotski nos responde, dizendo:

O sentido e significado dessa criação é que ela permite à criança fazer uma brusca transposição no desenvolvimento da imaginação criadora, que fornece uma nova direção para a sua fantasia e permanece por toda sua vida. O seu sentido é que ela aprofunda, amplia e purifica a vida emocional da criança, que, pela primeira vez, é despertada e afinada num tom sério. Por fim, seu significado é que ela permite à criança, ao exercitar seus ímpetos e capacidades criadoras, dominar a fala humana – esse instrumento delicado e complexo de formação e de transmissão do pensamento, do sentimento e do mundo interior humano (VIGOTSKI, 2009, p. 96).

A conclusão pedagógica a que se pode chegar com base na afirmação do autor é que o adulto precisa fornecer o máximo de opções possíveis para ampliar as possibilidades de experiências da criança. Agindo assim, estaremos alicerçando de maneira sólida seu processo criador.

No recente encontro do Banco Mundial sobre as estratégias lançadas para a educação até 2020, ocorrido no dia 21 de Abril, o presidente do Banco, Sr. Robert B. Zoellick fez a seguinte declaração:

Para que países em desenvolvimento possam colher integralmente os benefícios da educação – tanto por aprendizado com ideias globais quanto por inovação, eles precisam deixar solto o potencial da mente humana. E não há ferramenta melhor para isso que a educação (ZOELLICK, 2011).

Essa declaração mostra com clareza que as grandes corporações têm percebido que suas fórmulas antigas de desenvolvimento e progresso não têm sido eficientes no atual cenário global. E que a esperança para o futuro é de adotar uma nova concepção baseada na riqueza da capacidade criadora humana. O mundo tem mudado, as demandas da vida moderna são outras das dos séculos passados, e a escola não tem outra opção a não ser se engajar e mudar junto! Vendo, então, a capacidade criadora pela riqueza que ela é, vendo as crianças como a esperança que são. E é tarefa da escola e da família educar as crianças de modo completo, para que eles possam enfrentar esse futuro que seus pais e professores não verão, mas que eles sim, viverão.

Todo o futuro é alcançado pelo homem com a ajuda da imaginação criadora. A orientação para o futuro, o comportamento que se apoia no futuro e dele procede é a função maior da imaginação, tanto quanto a estrutura educativa fundamental do trabalho pedagógico consiste em direcionar o comportamento do escolar seguindo a linha de sua preparação para o futuro, e o desenvolvimento e o exercício de sua imaginação são uma das principais forças no processo de realização desse objetivo. A criação de uma personalidade criadora, projetada para o futuro, é preparada pela imaginação criadora que está encarnada no presente. (VIGOTSKI, 2009, p.122).

Já basta uma educação em que se define qual o perfil ideal de aluno desejado e, então, se molda toda uma turma para encaixá-la nos padrões exigidos, tornando todos como se fossem bonecos de papel, todos iguais, todos com o mesmo formato. Viva a diversidade! Viva as inúmeras possibilidades que existem na beleza do potencial criador de cada um! Que estas belezas sejam trazidas à tona, sem medo, com paixão! Que cada

indivíduo possa crescer tendo como opção ser tudo aquilo que ele pode ser!  
Que todos possam de fato viver e experimentar todas as belezas e dores de ser *humano*.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro
- CASASSUS, J. (2009). *Fundamentos da Educação Emocional*. UNESCO, Liber Livro. Brasília
- CATRACA LIVRE. Gilberto Dimenstein. Disponível em: <<http://catracalivre.folha.uol.com.br/2011/06/o-sucesso-dos-fracassados/>> 2011
- DEWEY, J. (1967). *Vida e Educação*. 6ª ed. Melhoramentos. São Paulo
- DIMENSTEIN, G. e ALVES, R. (2003). *Fomos Maus Alunos*. Papirus. Campinas
- DE MAIS, D. (2001). *O Ócio Criativo*. 4ª ed. Sextante. Rio de Janeiro
- FOUCAULT, M. (1977). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Vozes. Petrópolis
- \_\_\_\_\_, M. (1998). *A Ordem do Discurso*. Loyola. São Paulo
- HILSDORF, M. L. S. (2003). *História da educação brasileira*. Pioneira Thomson Learning. São Paulo
- ILLICH, I. (1973). *Sociedade sem escolas*. Vozes. Petrópolis
- LAND, G. and BETH J. (1992) *Break Point and Beyond*. Harper-Collins Publishers, Inc. New York
- LIBÂNEO, J. C. (1985). *Democratização da escola pública*. Loyola. São Paulo
- MONTESSORI, M. (1992). *A Criança*. Círculo do Livro. São Paulo
- ROGERS, C. R. and FREIBERG, H. J. (1994). *Freedom to Learn*. Charles Merrill Publishing Company. Columbus
- ROUSSEAU, J.J. (2004). *Emílio ou Da Educação*, Martins Fontes. São Paulo
- TED. Charles Limb. Disponível em: <[http://www.ted.com/speakers/charles\\_limb.html](http://www.ted.com/speakers/charles_limb.html)> 2010
- \_\_\_\_\_. Ken Robinson. Disponível em: <[http://www.ted.com/speakers/sir\\_ken\\_robinson.html](http://www.ted.com/speakers/sir_ken_robinson.html)> 2006
- \_\_\_\_\_. Sugata Mitra. Disponível em: <[http://www.ted.com/speakers/sugata\\_mitra.html](http://www.ted.com/speakers/sugata_mitra.html)> 2007
- VIGOTSKI, L. S. (1989). *A formação social da mente*. Martins Fontes. São Paulo

\_\_\_\_\_, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância*. Ática. São Paulo

WORLD BANK. Robert Zoellick. Disponível em:  
<<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/TOPICS/EXTEDUCATION/0,,contentMDK:22474207~menuPK:282402~pagePK:210058~piPK:210062~theSitePK:282386,00.html>> 2011

YOUTUBE. Eduardo Galeano en la #acampadaBCN PT. Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=mdY64TdriJk>> 2011

## ANEXOS

### Paper Dolls

Corinne Bailey Rae

You have incredible eyes and all the boys will go wild for you  
 But I was scared in case you made me made do those things  
 But would you oh would you believe me that I was your fool  
 Because I've been lying awake at night wondering where you are now  
 And if that metal turned out right

All my life all my life  
 I said it's not right  
 Nobody told me I could do something  
 Nobody told me I could be something  
 I have tried I have tried  
 To say it's alright  
 Nobody told me I could do something  
 Nobody told me I could be something

You wore undoubtable smiles you were divorced from inside they said  
 But I was disturbed when I heard that it's not what you preferred It gets to the point they expected  
 And who are you to disappoint them anyway  
 Time will get you in the end  
 Just when you shook off that regret  
 Around the corner comes a Mary in a fur coat to talk about it

Many words that have been spoken  
 Cut me out like paper dolls  
 Made me into something different  
 Something I could not dissolve  
 So far over don't their words slow you

### Bonecas de Papel

Corinne Bailey Rae

Você tem olhos inacreditáveis e todos os garotos vão ficar doidos por você  
 Mas eu estava com medo, caso você me obrigasse a fazer aquelas coisas  
 Mas você, oh você acreditaria em mim, que era sua tola  
 Porque tenho deitado acordada na cama, imaginando onde você está e se aquele metal terminou bem

Em toda minha vida, toda minha vida  
 Eu disse "não está certo"  
 Ninguém me disse que poderia fazer algo  
 Ninguém me disse que poderia ser algo  
 Eu tentei, eu tentei  
 Dizer "está tudo bem"  
 Ninguém me disse que eu poderia fazer algo  
 Ninguém me disse que eu poderia ser algo

Você vestia sorrisos indubitáveis, você for divorciada de dentro, eles disseram  
 Mas eu fiquei perturbado quando ouvi que não é o que você prefere, chega ao ponto que eles esperaram  
 E quem é você para desaponta-los, de qualquer forma?  
 O tempo irá alcança-la no final  
 Assim que você se livrou daquele remorso  
 Logo na esquina vem uma Maria num casaco de pele para falar sobre o assunto

Muitas palavras que foram ditas  
 Me moldaram como bonecas de papel  
 Me tornaram em algo diferente  
 Algo que eu não pude desfazer  
 Tão distante, não deixe que as palavras deles te retardem

**Betty**  
**Brooke Fraser**

You got a quick snap-lock on your  
cold, cold heart  
You got your YSL kicks and a red  
birthmark  
In the shape of Canada  
That you try to keep a secret

You got a quick clack walk and a cold  
hard stare  
And if your eyes could talk they'd say  
they just don't care  
Before they wander off  
To hide inside their sockets

You've got your scars and you've got  
your birthmarks  
You've got Toronto hiding on your hip,  
honey  
You've got your secrets  
You've got your regrets  
Darling, we all do

You got a foolproof plan for a lonely life  
You won't be no one's daughter and no  
drunk man's wife  
If a wife at all  
It's a silly institution  
Or so you keep insisting

You're cool coy about your strawberry  
hip  
It's you that's hidden by the  
expectations  
We want to see you, won't you show  
us where to start?  
You're talking trash with your replica  
lips  
It's you they tickle in the conversation  
Sweet Betty, won't you show us who  
you are?

**Betty**  
**Brooke Fraser**

Você tem uma fechadura que trava  
fácil no seu frio, frio coração  
Você tem seus sapatos Yves Saint  
Laurent e uma marca de nascimento  
vermelha  
No formato do Canadá  
Que você tenta manter em segredo

Você tem um caminhar rápido estalado  
e um olhar duro e frio  
E se seus olhos pudessem falar eles  
diriam que simplesmente não se  
importam  
Antes de eles vaguearem  
Para se esconderem em suas órbitas

Você tem suas cicatrizes e você tem  
suas marcas de nascimento  
Você tem Toronto escondida em seu  
quadril, querida  
Você tem seus segredos  
Você tem seus arrependimentos  
Meu bem, todos nós temos

Você tem um plano infalível para uma  
vida solitária  
Você não será filha de um zé-ninguém  
e nem esposa de um bêbado  
Se é que será esposa  
É uma instituição boba,  
É o que você insiste em acreditar

Você é legal e discreta sobre seu  
quadril cor morango  
É você quem está escondida pelas  
expectativas  
Nós queremos te ver, por que não nos  
mostra por onde começar?  
Você está falando besteira com seus  
lábios que replicam  
É você quem eles cutucam na  
conversa  
Doce Betty, por que não nos mostrar  
quem você é?